

O sentido de educar a criança em tempos de pandemia: um olhar para as especificidades do trabalho na Educação Infantil

Marta Regina Furlan de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina
mfurlan.uel@gmail.com

Resumen:

Este texto tem como objetivo principal refletir sobre o sentido de educar a criança de 0 a 5 anos em tempos de pandemia, com vistas à necessidade das experiências humanizadoras do ensino. O trabalho direto com as crianças exige que o professor tenha responsabilidade em pensar e planejar ações didático-pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento integral dos pequenos. Esse desafio já constava no cenário da educação infantil antes da pandemia e, especificamente, nos últimos tempos, o Mundo e o Brasil se depararam com a pandemia da COVID-19 que gerou a busca de esforços para conter o aumento de mortes relacionadas ao Coronavírus. Os espaços formativos tiveram que se adequar as novas demandas e, diante disso, questiona-se: Qual o sentido de educar a criança da educação infantil em tempos de pandemia? Sobre isso, tecemos como metodologia um estudo bibliográfico a partir dos fundamentos da Teoria Crítica de Sociedade em Adorno e, de autores que discutem a educação infantil e, que dialogam com esta base teórica. Como resultados, há a necessidade de uma educação da infância atenta as especificidades do trabalho pedagógico com as crianças pequenas e, de uma formação e atuação docente conscientizadora das contradições sociais e do tempo pandêmico, principalmente quando isso reflete no processo construtivo da humanidade da criança.

Palabras clave: Educação, Formação, Infância, Pandemia, Teoria Crítica.

Resumen:

El objetivo principal de este texto es reflexionar sobre el significado de educar a los niños de 0 a 5 años en tiempos de pandemia, con miras a la necesidad de humanizar las experiencias docentes. Trabajar directamente con los niños requiere que el docente se encargue de pensar y planificar acciones didáctico-pedagógicas que contribuyan al desarrollo integral de los más pequeños. Este desafío ya estaba presente en el escenario de la educación infantil antes de la pandemia y, específicamente, en los últimos tiempos, Brasil y el mundo se enfrentaron a la pandemia COVID-19 que generó la búsqueda de esfuerzos para contener el aumento de muertes relacionadas con el coronavirus. Los espacios de formación debían adaptarse a las nuevas demandas y, ante esto, la pregunta es: ¿Cuál es el significado de educar a los niños en el jardín de infancia en tiempos de pandemia? Sobre esto, tejemos como metodología un estudio bibliográfico desde los fundamentos de la Teoría Crítica de la Sociedad en Adorno, Horheimer y otros filósofos, y de autores que discuten sobre la educación infantil y el diálogo con esta base teórica. Como resultado, existe la necesidad de una educación de la primera infancia que preste atención a las particularidades del trabajo pedagógico con los niños pequeños, y de una

formación y enseñanza que genere conciencia sobre las contradicciones sociales y el tiempo pandémico, especialmente cuando esto se refleja en el proceso constructivo de la humanidad del niño.

Palavras chave: Educación, Formación, Infancia, Pandemia, Teoría Crítica.

Abstract:

The main objective of this text is to reflect on the meaning of educating children aged 0 to 5 years in times of pandemic, with a view to the need for humanizing teaching experiences. Working directly with children requires the teacher to be responsible for thinking and planning didactic-pedagogical actions that contribute to the integral development of the little ones. This challenge was already present in the early childhood education scenario before the pandemic and, specifically, in recent times, Brazil and the world were faced with the COVID-19 pandemic that generated the search for efforts to contain the increase in deaths related to Coronavirus. The training spaces had to adapt to the new demands and, in view of this, the question is: What is the meaning of educating children in kindergarten in times of pandemic? About this, we weave as a methodology a bibliographical study from the foundations of the Critical Theory of Society in Adorno, Horheimer and other philosophers, and from authors who discuss early childhood education and dialogue with this theoretical basis. As a result, there is a need for early childhood education that pays attention to the specifics of pedagogical work with young children, and for a training and teaching that raises awareness of social contradictions and pandemic time, especially when this reflects on the constructive process of the child's humanity.

Keywords: Education, Training, Childhood, Pandemic, Critical Theory.



Introdução

Ao olhar de “ponta-cabeça” e “escrever ao contrário”, exercemos e treinamos nossa capacidade de identificar e habitar as brechas dos discursos dominantes, aprendendo com as crianças. Assim, olhamos de ponta cabeça e escrevemos ao contrário quando procuramos ouvir e registrar as vozes de meninos e meninas, mesmo as/os pequenas/os, e compreendê-los como sujeitos que questionam os valores do mundo adulto, e que constroem relações a partir de seus próprios interesses, desejos, valores e regras (FARIA e FINCO, 2011, p.6).

Nos últimos tempos, o Brasil e o Mundo buscam esforços para conter o aumento de pessoas com a Covid-19. Muitas são as medidas para evitar a disseminação do vírus e, uma delas é o distanciamento social. Tais medidas têm impactado a vida das pessoas em diversas esferas sociais e, especificamente, na educação da infância.

Nesse contexto a educação e a formação se veem cercadas, por um lado, pela lógica da produção capitalista, e por outro lado, pela suposta crise dos fundamentos referenciais no que tange a formação humana. Os sintomas do enfraquecimento da formação se fazem observar por toda parte, até mesmo no território das pessoas aparentemente providas de certa intelectualidade. A dispersão dos rumos dessa crise revela as fragilidades na (re) formulação de concepções educativas, com certa ilusão de que as reformas didático-pedagógicas de ensino contribuem substancialmente para o sentido de educar as crianças nesse tempo pandêmico.

Diante as múltiplas formas de obediência refletidas pelas propostas virtuais e tecnológicas do processo de educar, há o despreparo da escola da infância, que diante do caos, promove barbárie com repetidas atividades em número quantitativo evidente, desconsiderando os direitos humanos da criança. Professores e gestores “saltam”, sem perceber, da plateia para o palco em uma visão teatral da obediência e, ao mesmo tempo silenciada mediante a sustentação da farsa catastrófica de uma democracia acrílica que tenta levantar a bandeira da humanização da vida. Conseqüentemente, há a banalização do conhecimento pelo conteúdo quantitativamente depositado nas crianças como forma de garantia do ano letivo, bem como o cumprimento de carga horária e do “repasso” das atividades pedagógicas.

Por conseguinte, este ensaio é pertinente por potencializar o pensar crítico sobre a gestação desse tempo sombrio que se propaga de maneira “violenta” e, conduz os indivíduos a viver na ilha cercada por ameaças de todos os lados, inclusive do lado de dentro de nós.

Diante disso, a questão crucial é: Qual o sentido de educar a criança da educação infantil em tempos pandêmicos? Esse ensaio teórico à luz das contribuições da Teoria Crítica em Adorno, pretende refletir de maneira filosófica e educacional sobre o sentido do “educar” (formação) na atualidade, estabelecendo confluências com um dos campos de educação, no caso a educação da infância. De modo particular, trata-se de desenvolver o exercício do pensar crítico sobre esse tempo social e, dessa nova configuração educacional no âmbito da própria educação brasileira.

As considerações do pensamento em *constelação*¹ de Adorno, revela a necessidade de uma crítica imanente a respeito dos processos formativos da educação da infância, que ao invés de realizar seus potenciais emancipatórios, vem caminhando em direção contrária rumo a obediência e aniquilamento do indivíduo.

O objetivo principal é refletir sobre o sentido de educar a criança de 0 a 5 anos em tempos de Pandemia, com vistas à necessidade das experiências humanizadoras do ensino. A partir do texto “Educação para quê” é possível analisar o sentido do pensamento constelativo em Adorno como dispositivo metodológico próprio para se constituir uma crítica imanente ao conceito educativo. Há a necessidade de uma constelação do pensamento formativo à luz da autorreflexão e ação emancipatória do conhecimento, na tentativa de perceber até que ponto a educação tem o papel fundamental no campo da formação cultural e, quais são necessariamente os possíveis caminhos em busca de novos horizontes pedagógicos do ensino e formação da infância nesse tempo pandêmico.

A educação enquanto processo formativo intencional e pedagógico, tem muito mais a declarar acerca do comportamento no mundo do que simplesmente intermediar modelos ideais preestabelecidos. A educação em Adorno (1995, p.141) imprime a “produção de uma consciência verdadeira” e reificada pela autorreflexão crítica.

¹ Tomamos o termo “constelação” estritamente utilizado por Adorno na sua obra *Dialética Negativa* (2009) no momento que, ao tomar de empréstimo, de Walter Benjamin, nas suas investigações que aparecem na obra *Origem do drama barroco alemão* (1963), toma o conceito de verdade nessa condição constelativa.



A educação infantil em solo pandêmico: as especificidades do trabalho pedagógico

A tensão existente entre educação e formação cultural no cenário da razão instrumental reflete, afinal, para onde a educação deve conduzir, principalmente, quando nos deparamos com as coordenadas da nova conjuntura econômica, política, histórica, cultural e social que, com suas luzes e suas sombras, já se tornam visíveis por toda parte, propagando a instrumentalidade do saber e da razão.

Adorno (1995), desse modo, assinala a coerência epistemológica da Teoria Crítica no desvendamento do processo histórico de produção social com a dominação capitalista. Ao mesmo tempo, aponta uma dimensão formativa a ser desenvolvida, de modo pela educação formal enquanto movimento de resistência ao instituído pelo sistema industrial e mercadológico, como é o caso do que estamos vivendo.

A necessidade de uma educação crítico-reflexiva expõe a necessidade de decifrar as condições e os determinantes históricos que causam o modo ao qual os indivíduos estão submetidos. O empenho adorniano corrobora com a difusão de uma formação conscientizadora das contradições sociais e dos limites da própria sociedade marcada pela racionalidade técnica.

Diante disso, ao relacionar com a educação infantil e o trabalho pedagógico em sua especificidade de educação e cuidado, deparamo-nos com um momento histórico e social de grande preocupação sobre a verdadeira finalidade da educação infantil em tempos pandêmicos. Ora, a educação das crianças de 0 a 5 anos, no Brasil, especificamente, se viu envolvida pelo ensino remoto com uso de tecnologias e atividades enviadas às crianças e, mesmo diante do caos, foi estabelecido um planejamento e cronograma de trabalho que viabilizasse a continuidade do trabalho, bem como o cumprimento do calendário escolar.

Mediante esse processo de tomada de iniciativas, novos desafios são colocados em cheque, principalmente quando nos deparamos com a realidade da educação infantil e da necessidade de um olhar mais sensível e apurado sobre as especificidades do trabalho, que deve ter como eixos norteadores da prática pedagógica, as interações e brincadeiras. As crianças

frente as telas, embora sendo uma ação emergencial não pode se eximir de vivenciar outras experiências que correspondam com as suas necessidades humanas.

Adorno aponta para uma “educação para a contradição e resistência”. A educação tem a empreitada de “fortalecer a resistência do que fortalecer a adaptação” (ADORNO, 1995, p.144); sobretudo, para se contrapor às formas de degeneração educativa, que promove o conformismo e a submissão servil do conhecimento. Em Adorno educar significa levar a sério o tempo necessário para a construção de sentido que se dá na relação pedagógica, principalmente pelo indescritível empobrecimento do pensar, da linguagem e expressão humana.

No caso da educação infantil, embora houvesse a necessidade de se readaptar nas metodologias com uso da tecnologia do ensino remoto, uma situação que fragilizou foi o distanciamento e a condução das ações pedagógicas que foram mais direcionadas ao cumprimento do calendário e dos conteúdos do que efetivamente do ser humano criança que perpassou e perpassa por esta crise sanitária.

Para Adorno, os fins da educação, no sentido de para onde ela deva conduzir, remetem-nos aos conteúdos sociais da *formação cultural (Bildung)*. Aqui há um ponto de grande significância, que mesmo na necessidade de adaptação do trabalho pedagógico com as crianças, não podemos nos dispensar da responsabilidade de legitimar a especificidade da educação infantil que, de certa forma, se diferencia em sua finalidade e organização com os demais níveis de ensino. Trata-se da necessidade de reflexão sobre os processos histórico-culturais a fim de transcendê-los da condição em que estão instituídos, pois a “educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 121), principalmente em busca do entendimento se todas estas ações desenvolvidas efetivamente seriam as mais importantes no momento da pandemia.

Nesse processo, podemos buscar um arcabouço substancial de resistência, possibilitando a capacidade de abertura para o pensamento constelativo e para a problemática da formação humana à luz das relações danificadas, principalmente no sentido de criar uma trilha de resistência ao instituído e, ao invés de preocupar com as “atividades” e ou participação das crianças nas aulas e atividades online, ter a compreensão acerca da sua vida social, afetiva,



psíquica, física, cognitiva e, preocupar-se, efetivamente, se a criança está sendo cuidada e acolhida em meio ao contexto tão custoso.

Por conseguinte, a educação da criança de 0 a 5 anos precisa gerar um processo de descortinamento em prol do olhar desafiador desse novo tempo que, mesmo com o uso da tecnológica, não pode abrir mão da educação democrática e igualitária, tão pouco do processo humanizador do conhecimento em prol da preocupação com a vida desta criança em sua integralidade. Em meio ao pandemônio, a educação infantil precisa ser lugar de esperança, no sentido que, tanto em situação de ensino remoto e, agora com o retorno tímido das crianças de forma presencial, esse compromisso pedagógico precisa estar pautado na potência das experiências ricas e diversificadas por meio das múltiplas linguagens que se efetivam a partir dos campos de experiência: arte, música, poesia, dança, corporeidade, etc.

Esta questão é tão farta de reflexão e sistematização pedagógica, que a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996) afirma que a finalidade da educação infantil “é promover o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade”. Ainda, evidencia-se a necessidade de considerar a criança como um todo, no sentido de propor uma educação que viabilize a promoção do seu desenvolvimento integral e sua inserção na esfera social e cultural.

Oliveira (2002, p.49) afirma que:

A ação educativa da creche e pré-escola deve interpretar os interesses imediatos das crianças e os saberes já construídos por elas, além de buscar ampliar o ambiente simbólico a que estão sujeitas. Acima de tudo, comprometer-se em garantir o direito à infância que toda criança tem.

À vista disto, o sentido de educar, mesmo em contexto de pandemia, precisa se firmar nas aprendizagens essenciais das crianças, principalmente no que tange aos comportamentos, habilidades e conhecimentos por meio de experiências profundas em decorrência dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Logo, a ação educativa precisa dirigir para o papel da criança de protagonista da aprendizagem em sintonia com os objetivos e as intencionalidades

pedagógicas docentes em relação aos componentes curriculares, os conhecimentos, conteúdos e valores humanos. Para tanto, a educação infantil precisa contribuir no projeto humanizador de formação da criança com vista a cidadania em detrimento da educação que deve potencializar a vida e a participação dos sujeitos infantis na realidade social.

Na busca do sentido de educar a criança em contexto de pandemia, não podemos negligenciar as muitas crianças existentes em todos os cantos do mundo, do Brasil e, que vivem experiências diversas em relação aos aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos. Ainda, precisamos, ao valorizar as especificidades do trabalho com as crianças de 0 a 5 anos considerar que, muitas de nossas crianças, embora tenhamos um discurso de conquista e luta, há ainda as crianças que experimentam o lado sombrio da vida revelado com a violência simbólica, social, afetiva e, até física. É impossível negligenciar as crianças que são abafadas pelo silêncio, pela tristeza e até morte e, que no trabalho pedagógico precisam ser acolhidas em suas peculiaridade.

Se a educação infantil é um lugar de encontros de vidas infantis, há a urgente necessidade de pensar que o sentido de educar a criança extrapola a preocupação conteudista e escolarizante do ensino, na coerência de compreender que a relação indissociável entre cuidar e educar na educação infantil precisa ser tratada com compromisso e seriedade pelos profissionais educacionais. Nesse sentido, o movimento consiste na necessidade de revisitar o contexto de invisibilidade em favor das crianças que tem sido expostas as mais aterrorizantes formas de vida e de condição humana.

Em solo pandêmico a grande empreitada da educação infantil e do trabalho docente está no fomento da esperança em prol de melhores condições educativas para os nossos pequenos, oferecendo-lhes respeito, valorização, segurança, preservação do direito das crianças de desenvolverem experiências efetivas da infância, revelada pela brincadeira, interações, curiosidade, descobertas, leituras diversas, vivências desafiadoras, etc. Esse cenário precisa estar amparado pelo belo, pela alegria, pelo riso, pela ludicidade, pelo encantamento das coisas e da própria existência nesta terra comum.

As creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de



experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2018, p.32).

Ainda, em busca de experiências mais humanizadoras e que estão em sintonia com as especificidades do trabalho pedagógico na educação infantil, nossas crianças precisam ter momentos em que potencialize os sonhos, as fantasias, a imaginação, a criação e expressão, os gestos simples que são geradores de esperança e, que são motivadores de mudanças positivas e significativas. Destarte, ver, ouvir, falar e mediar diálogos com as crianças em situações diversificadas na educação infantil pode ser um caminho para a mudança em prol da emancipação humana dos nossos pequenos.

Conclusões

Ao retomar o objetivo geral deste texto, novos desafios se firmam em prol do sentido de educar a criança em contexto de pandemia. A “ferida” já estava aberta quando o assunto era entender o trabalho na educação infantil e sua especificidade. Com a pandemia se intensificou quando nos deparamos com um amontoado de ações emergenciais preocupadas mais com a situação técnica da vida e da escola, do que efetivamente com a humanidade das crianças. Em meio as perdas e ao tempo espúrio, as crianças tiveram que cumprir atividades, participar das aulas online, gravar vídeos para enviar para os professores e, diante disso, o sentido de educar a criança se perdeu em meio ao ritual escolar preocupado em cumprir determinações pedagógicas que, na maioria dos casos, estão distantes do que realmente as crianças precisam neste momento.

Para além do cumprimento normativo dos conteúdos e calendário escolar, há a necessidade, segundo a Resolução CNE/CEB nº 05/09 no artigo 7º de oferecer condições e recursos para que as crianças usufruem seus direitos civis, humanos e sociais, principalmente, no sentido de possibilitar tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas. E, o mais importante, que é a



promoção da igualdade de oportunidades educacionais entre crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso aos bens culturais e às possibilidades de vivência da infância em contraposição ao contexto de desigualdades sociais.

Ainda, inferimos que a educação infantil deve assumir um papel de grande monta no processo formativo das crianças, no sentido de romper com a tradição assistencialista e utilitarista presente neste nível de ensino, requerendo, desse modo, um aprofundamento no debate acerca da educação de mais qualidade para as nossas crianças pequenas.

É mister considerar que, na educação infantil, há o debate em torno da autonomia no sentido de elaborar a proposta pedagógica em acordo com as necessidades e comprometerimentos relacionados ao processo de educar, cuidar e promoção da aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças de maneira mais qualitativa. Assim, a definição de uma proposta pedagógica efetiva precisa estar envolvida na ação intencional e na orientação para a ampliação do universo cultural das crianças, de modo que lhes sejam dadas condições para compreender os fatos e os eventos da realidade, habilitando-as a agir sobre ela de modo emancipador e crítico.

Por fim, a finalidade da educação infantil precisa envolver-se no no amplo projeto formativo de crianças, em que por meio de uma proposta pedagógica adequada seja garantida a valorização das crianças e de suas especificidades humanas, bem como a valorização da identidade pessoal e de sociabilidade, o que envolve um aprendizado de direitos e deveres. Ainda, garantir as competencias necessárias relacionadas a sensibilidade (estética e interpessoal), a solidariedade (intelectual e comportamental) e senso crítico (autonomia e pensamento divergente) por meio da experiencia do conhecimento historicamente elaborado em sintonia com o desenvolvimento humano (BRASIL, 2018).

A ampla empreitada para a educação infantil está voltada ao atendimento da infância em favor de um novo direcionamento para o processo formativo das crianças pelas trilhas da essencialidade do trabalho com as crianças de 0 a 5 anos e do próprio construto de sua humanidade. O desafio é a reorganização e ressignificação desse tempo infantil por meio do pensar crítico, interativo, humanizador e criativo na relação entre professores e crianças. Um



exemplo a destacar consiste que na pandemia, para além dos números e estatísticas, as crianças precisam ser sensibilizadas pelas vidas que se foram e, que são estas vidas que importam.

Se temos a certeza que as crianças são os maiores escutadores da vida e, que mesmo em suas peculiaridades, compreendem o mundo ao seu redor, então há aqui um rastro de esperança e investida em uma educação da infância que garanta as necessidades humanas em detrimento da superficialidade da vida e das relações humanas.

Por fim, a educação da infância precisa acolher e minimizar, por meio das intenções pedagógicamente planejadas, as desigualdades sociais em defesa a uma educação atenta às condições de nossas crianças em diferentes contextos e territórios, sejam elas do campo, da cidade, a criança indígena, quilombola, ribeirinha entre outras. A luta é pelo sentido de educar a criança em sintonia com os processos democráticos e humanizadores do ensino.

Obras consultadas

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova; revisão técnica Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação. Governo Federal, Brasília, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Governo Federal, Brasília, 2018.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Docência em formação).